

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DA LINGUAGEM

Línguas, Artes e Literaturas



Editores:

Capa: Mandala “Releitura da pintura corporal da etnia Paresi é de autoria da artista plástica: Judite Malaquias”.

Diagramação: Layout Gráfica Digital - Cáceres/MT

Revisão Ortográfica: Mônica Cidele da Cruz

Online - e - Impresso

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

B864i Brod, Lilian Elisa Minikel.

Introdução aos estudos da linguagem: línguas, artes e literaturas / Mônica Cidele da Cruz e Isaias Munis Batista.
– Cáceres: Layout Gráfica, 2020.
32. p. (Caderno Pedagógico Intercultural, 1).

ISBN 978-65-00-14143-6

1. Linguagem. 2. Língua. 3. Conhecimento Linguístico.
4. Língua Materna. I. Título. III. Título: línguas, artes e literaturas.

CDU 81(817.2)

APRESENTAÇÃO

Caro(a) acadêmico(a),

Com muito respeito, inicio, com você, o estudo da disciplina Introdução aos estudos da linguagem, que tem como objetivo construir um espaço de reflexões introdutórias sobre linguagem e língua, integrando seus conhecimentos linguísticos.

A Unidade I trata das funções da linguagem com o objetivo de apreende-la como constitutiva do sujeito nas suas relações de interação. A Unidade II mobiliza as noções de linguagem e língua e conceitos relacionados, cuja compreensão é necessária para avançar nos estudos linguísticos.

A Unidade III fecha este Caderno e discorre sobre a oralidade e a escrita, não como instâncias antagônicas, mas guardadas suas singularidades, como eventos que se combinam com o objetivo de pensá-las como práticas sociais nas diferentes esferas da atividade humana, sobretudo, no ensino.

Ao longo deste texto, vários questionamentos são propostos com o objetivo de “dialogar” com você e instigá-lo(a) a refletir sobre sua língua materna por meio das discussões sugeridas neste Caderno. E, ao final de cada unidade, são apresentadas atividades como exercício de reflexão sobre sua língua materna.

Com um forte abraço, desejo que você possa construir e avançar nos caminhos desta área.

Lilian Elisa Minikel Brod

UNIDADE I - Linguagem: algumas funções

A linguagem é uma capacidade mental e biológica que todos os seres humanos têm e por meio da qual somos capazes de adquirir uma língua. Significa que, diferentemente de cozinhar, pescar, dirigir e tantas outras aprendizagens, nascemos com essa competência, por isso dizemos que a linguagem é inata. As milhares de línguas faladas no mundo resultam dessa complexa capacidade mental inata.

Quantas línguas indígenas são faladas no Brasil?

É certo que, como diz Fiorin (2015, p.13-14), “A linguagem responde a uma necessidade natural da espécie humana, a de comunicar-se.” Comunicar é, sobretudo, interagir com o outro e neste lugar de acordo, discussão, escuta, a linguagem assume diferentes funções. Ao entender que “A linguagem deve ser estudada em toda a variedade de suas funções.”, Roman Jakobson ([1969]1995, p.122) propôs seis atribuições ou funções da linguagem – cada uma centrada em um elemento constitutivo da comunicação verbal: o **remetente** que envia uma **mensagem** ao **destinatário**, o **contexto** ao qual a mensagem se refere, o **contato** por meio do qual a mensagem é transmitida e o **código** (língua).

Figura 1: Elementos da comunicação verbal



Fonte: Elaboração da autora.

É pela/na linguagem que informamos e compartilhamos

conhecimentos e experiências com o entorno local e mais amplo. A função **informativa ou referencial** da linguagem diz respeito ao assunto e o contexto de referência. No exemplo a seguir, lemos a notícia divulgada no site da Associação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib):

Ajude a aprovar a Lei do #CinturãoVerdeGuarani!

02/set/2020



A pandemia do Coronavírus mostra que não existe futuro se seguirmos destruindo a floresta e os seres que nela vivem. Em São Paulo, a maior metrópole das Américas, nossas comunidades guarani mantêm em pé o que restou da Mata Atlântica e que garante o mínimo de qualidade de vida para os jurua (não indígenas).

Agora, São Paulo e seus habitantes têm em mãos a oportunidade de aprovar a Lei do #CinturãoVerdeGuarani (PL 181 de 2016), que visa reconhecer e valorizar nossos territórios como um bem para todos do município. Esse projeto fortalece as ações de recuperação da Mata Atlântica, a proteção dos rios e a produção de alimentos saudáveis que temos feito nas nossas aldeias, nas periferias da cidade.

É por isso que estamos solicitando uma reunião urgente com a prefeitura de São Paulo, para garantir que esse projeto seja aprovado ainda esse ano, e nossas terras não sejam tomadas pela destruição ambiental e a especulação imobiliária. Nossos territórios precisam ser reconhecidos como caminhos para uma cidade mais saudável, que respeite e valorize a diferença e o verde que ainda nos resta.

Temos todos e todas que nos articular em defesa dessa proposta e garantir que essa importante política seja garantida em lei! Ajude a fortalecer essa rede, engaje mais pessoas, compartilhe essa mensagem em seus grupos, assim como outros vídeos e textos sobre o movimento pela lei do #CinturãoVerdeGuarani!

Para mais informações sobre o PL acesse:
www.yvyrupa.org.br/pl-cinturaoverdeguarani

Fonte: APIB

O texto em análise trata da aprovação de um projeto de lei que reconhece o território indígena e assegura a preservação da Mata Atlântica (SP) por meio de ações de “recuperação, proteção e produção sustentável”. A partir da leitura do texto, observamos que as informações noticiadas tem importância vital para as comunidades tradicionais e povos originários.

É também na/pela linguagem que influenciemos e somos influenciados. Por meio de argumentos, convencemos o outro ou somos persuadidos a mudar de opinião, a concordar com uma ideia, a repensar a escolha ou a atender a decisão da comunidade, a se envolver em uma atividade, a participar de um evento. No mesmo texto, observamos esse aspecto no fragmento:

Temos todos e todas que nos articular em defesa dessa proposta e garantir que essa importante política seja garantida em lei! Ajude a fortalecer essa rede, engaje mais pessoas, compartilhe essa mensagem em seus grupos, assim como outros vídeos e textos sobre o movimento pela lei do #CinturãoVerdeGuarani!

Os verbos ajudar, engajar e compartilhar, expressos, respectivamente, na segunda pessoa do imperativo “ajude, engaje, compartilhe” reforçam o convite incisivo para os leitores aderirem à proposta. Esta função da linguagem, conhecida como conativa, está direcionada para o receptor ou destinatário da mensagem. Veja, por exemplo, o convite para a candidatura no pleito 2020:



Fonte: APIB

Para refletir sobre a função **emotiva** da linguagem, leia o poema *Poéticas da quarentena* de Graça Graúna:

Poéticas da quarentena

Um parente pergunta
se estou bem
e eu só respondo:
minhas asas doem
nesse confinamento

A leitura do poema provoca diferentes sentimentos. Muitos poderão sentir angústia, dor, saudade ou outras emoções estimuladas pela leitura do poema e pelas experiências pessoais: distanciamento, isolamento, luto. Além de informar e influenciar, é por meio da função emotiva da linguagem que expressamos nossa subjetividade, sentimentos e emoções e, por isso, está diretamente associada com o emissor da mensagem, aquele que fala. Revolta, alegria, raiva, desespero, amor, tristeza, admiração, e tantas outras manifestações do nosso estado de espírito são ditas, faladas e exteriorizadas para nosso grupo ou comunidade pela linguagem. Para isso, escolhemos as palavras e adequamos o tom de voz às emoções que desejamos expressar.

Que sentimentos o poema *Poéticas da quarentena* de Graça Graúna desperta em você?

O vínculo social, por meio do qual participamos de uma conversa se estabelece pela função **fática** da linguagem que mantém, prolonga, interrompe um diálogo ou ainda chama a atenção do interlocutor. Um exemplo desta função são as mensagens de texto enviadas diariamente por aplicativos em grupos de trabalho, amigos, família, etc. A ênfase desta função está em manter ativa a comunicação, na oralidade ou na escrita:

- “- Bom dia!
- Bom dia! Tudo bem?
- Bem, e você?
- Tudo certo.
- Você leu ...”

Muitas vezes, durante uma conversa, procuramos esclarecer dúvidas para evitar ambiguidades:

“- O que você quer dizer com comorbidade?
- Comorbidade refere-se a duas ou mais doenças relacionadas no mesmo paciente.”

A função **metalinguística** diz respeito ao uso da linguagem “para explicar o sentido produzido pela própria linguagem” (FIORIN 2015, p.22), então, quando dizemos “Vou explicar com minhas palavras”, estamos comentando o que falamos. É certo que neste Caderno discutimos a linguagem verbal, mas manifestações da arte e cultura indígenas são também linguagens (não-verbais) como a cerâmica, o canto, o rito, a cestaria, a pintura, etc. Nestas atividades, quando a arte fala da própria arte, a exemplo do grafismo, a metalinguagem também está presente.

A literatura, o cinema, o canto são lugares da função poética/estética. Leia o poema escrito por Ætekáy :

Ser e não negar, lutar e não desistir
Somos herança de luta dos
muitos anciãos que
passaram por aqui

E perderam a vida com um
Propósito, nos dar a
Oportunidade de lutar como
Eles
Lutaram

Bata o pé e levante o arco
Cante alto sem parar,
agradecendo a tupã que
nos dá força pra lutar.

Ser e não negar, lutar e não
desistir
Aconteça o que acontecer,
resistir e resistir.

¹ Ætekáy é da etnia pataxó. Cursa o 4º semestre de Filosofia na Universidade Federal da Bahia. Atualmente reside em Santa Cruz Cabralia na aldeia Coroa Vermelha.

Esse lugar de construção de sentidos, tão presente na poesia, é forjado na/pela função **poética/estética** da linguagem – “[...] ela é também lugar e fonte de prazer.” (FIORIN 2015, p.24). O ritmo, a escolha e combinação de sons, a ordem das palavras são alguns recursos linguísticos que utilizamos para despertar os sentidos e criar efeitos mais ou menos prazerosos na leitura.

Além destas, é também na/pela linguagem que reconhecemos a identidade linguística do falante. As escolhas linguísticas, expressões, variantes, léxico, etc., sinalizam os grupos sociais aos quais pertencemos: mais jovens ou mais velhos, mais ou menos escolarizados, entre tantos outros aspectos. Do ponto de vista científico, reconhecer as variedades linguísticas implica não atribuir julgamentos de valor (falares “feios” ou “bonitos”) e esta é condição fundamental para o respeito à diversidade linguística.

Não menos importante, a linguagem é uma forma de agir no mundo – ao dizer e em consequência do dizer: “Peço desculpas por não participar da reunião”. O ato de pedir desculpas é realizado por alguém que agiu equivocadamente, ofendeu outra pessoa ou cometeu um erro, e se realiza no momento em que é enunciado. A ação que acontece no momento da enunciação pode também ser realizada de maneira indireta: ao dizer, por exemplo, “Você passa muito tempo no celular”, há uma ordem implícita para que o celular seja desligado ou utilizado por tempo reduzido.

Muitas ações, no entanto, são feitas em consequência do dizer. Podemos refletir sobre isso a partir da websérie Maracá – Emergência Indígena, lançada em agosto de 2020, pela Associação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB).

Você já observou diferenças na fala das pessoas de sua comunidade ou de outras comunidades? O que você percebeu?



Fonte: Página oficial da APIB na rede social Facebook

Na série, discursos elaborados com base na fala de lideranças indígenas brasileiras são lidos e interpretados por personalidades e artistas de diferentes áreas.



Fonte: CESE

Quais são as consequências destes discursos? Sensibilizar e promover o apoio da sociedade ao plano emergencial dos povos indígenas para o enfrentamento da Covid-19. Este e outros exemplos também alertam para o fato de que as ações que resultam do dizer podem ser favoráveis ou desfavoráveis, como notícias falsas (fake news). Compreender esses e outros aspectos inerentes à linguagem é também desenvolver a reflexão crítica sobre a realidade local e mais ampla.

ATIVIDADE

1. Após a leitura dos textos sugeridos, identifique e analise as funções da linguagem observadas nos diferentes gêneros.

Texto 1



coiabamazonia Para fazer frente a situação do aumento das queimadas nos territórios indígenas, a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB) elaborou um Plano de Ação Emergencial de Combate a Incêndios Ilegais em Terras Indígenas na Amazônia Brasileira, lançado ontem (24), em uma live. O Plano foi elaborado pela COIAB para apoiar suas organizações de base em ações para reduzir a incidência de queimadas em Terras Indígenas, implementando medidas preventivas e protetivas de combate a incêndios com ações de curto, médio e longo prazo.

Fonte: Perfil oficial da COIAB no Instagram

Texto 2

Caos climático

É temerário descartar
a memória das Águas
o grito da Terra
o chamado do Fogo
o clamor do Ar.

As folhas secas rangem sob os nossos pés.
Na ressonância o elo da nossa dor
em meio ao caos
a pavorosa imagem
de que somos capazes de expor
a nossa ganância
até não mais ouvir
nem mais chorar
nem meditar,
nem cantar...
só ganância, mais nada.

É temerário descartar
a memória das Águas
o grito da Terra
o chamado do Fogo
o clamor do Ar.

FONTE: GRAÚNA, Graça (2009)

Texto 3



cinekurumin Já estamos no ar!!

A sétima edição do #CineKurumin acontece, pela primeira vez, apenas online. Em um momento em que realizar atividades presenciais colocariam em risco a saúde indígena, nos reinventamos e compartilhamos com mais pessoas a produção do cinema indígena.

🎥 De 20 de setembro a 20 de outubro todos os filmes estão disponíveis gratuitamente na nossa plataforma pelo link na bio!

👉 Assista agora e compartilhe também! Acesse <http://cinekurumin.org>

Fonte: Perfil oficial de Cinekurumin no Instagram

UNIDADE II - Linguagem e língua

Vimos que é na/pela linguagem que interagimos, informamos, questionamos, alertamos, falamos sobre o cotidiano e as preocupações atuais e sobre outras realidades que desejamos, fazemos poesia, documentários, ... Tudo isso é possível porque a linguagem tem propriedades universais, para conhecê-las, vamos considerar o poema de Jamille Nunes²:

O plano deles era nos arrancar
Nos engolir e integrar
Apagar nossa memória

Mas nenhum vínculo
É tão forte quanto o dos encantados

A ancestralidade
Nos guia de volta

Do poema de Jamille Nunes poderíamos falar sobre autonomia, resistência, ancestralidade, cosmologias. Poderíamos também escrever poesia! É por meio do conhecimento linguístico internalizado que somos capazes de adquirir uma língua, compreender e elaborar construções sintáticas mais simples ou mais complexas.

Anote aqui suas
impressões sobre o
poema!

A capacidade **gerativa** é uma propriedade essencial da linguagem: a partir de um pequeno conjunto de elementos, podemos formar um conjunto infinito de unidades maiores. Significa dizer que com um conjunto de sons (vogais e consoantes) da língua podemos formar um número ilimitado de palavras e, conseqüentemente, podemos formar um número expressivo de frases. Por exemplo, a partir dos elementos que formam a palavra vínculo, podemos elaborar vincular, vinculação, vinculado, desvincular.

Podemos nos perguntar sobre como as palavras são formadas? Como são combinadas no interior das sentenças? E como as

²Jamille Nunes, do povo Parintintin, nasceu em Manaus (AM) e cresceu às margens do Rio Urubu. É graduada em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda e integra os projetos Há indígenas em SP e Coletivo Ekos da Resistência.

sentenças podem ser encaixadas umas nas outras? Ao refletir sobre as combinações e também sobre as restrições, ou seja, combinações não aceitáveis na língua, entendemos que existem princípios linguísticos universais que regulam essa organização. O conhecimento sobre esses “arranjos”, ou seja, sobre a gramática das línguas, está implícito em nossa mente e já nascemos com ele.

Um dos argumentos que sustentam esse entendimento é conhecido pelos linguistas como **argumento da pobreza de estímulo**. Quando estamos falando, interrompemos nossa fala ou a fala do outro, de repente lembramos de uma informação importante, retomamos uma ideia para explicá-la de outra maneira, fazemos correções, pausas, etc. Esse ambiente linguístico do qual a criança participa seria, por natureza, fragmentado, por vezes truncado ou até inconsistente, mas já nos primeiros anos de vida a criança é capaz de construir frases sem nunca as ter ouvido antes. Pense, por exemplo, na sua experiência como professor, professora, pai, mãe, tio, tia, Você já deve ter sido surpreendido(a) com as frases novas de uma criança sem que você ou outra pessoa as tenha ensinado. De acordo com esse argumento, o ambiente linguístico seria bastante incompleto para explicar a complexidade gramatical da fala da criança.

Independentemente da língua que estamos adquirindo, por volta dos dois primeiros anos, somos capazes de formar e falar palavras; um pouco mais tarde, juntamos palavras para formar unidades maiores com significado e até 5 anos adquirimos a gramática da língua, ou seja, já temos um conhecimento internalizado sobre a estrutura e o funcionamento da língua. Essas observações sugerem a universalidade da aquisição da linguagem, isto é, todas as crianças, de diferentes partes do mundo e com experiências de vida bastante diversas, adquirem uma língua nos primeiros anos, ou seja, independentemente de nacionalidade, etnia, classe social, gênero, escolaridade dos responsáveis, etc., e apesar de as línguas serem diferentes, a aquisição da linguagem acontece de forma similar em qualquer língua (GROLLA e FIGUEIREDO, 2015; MAIA, 2006).

Se você tiver oportunidade, observe as construções linguísticas das crianças perto de você!

Um outro aspecto a respeito da aquisição da linguagem é a sua

uniformidade. Pense, por exemplo, nas crianças que vivem na sua comunidade/TI: as experiências linguísticas de cada criança podem ser ligeiramente diferentes, isto é, as sentenças que uma criança ouve em uma conversa com seus pais ou parentes podem ser/são diferentes das sentenças que outra criança ouve na interação com seus responsáveis. Apesar dos diferentes estímulos, as crianças estarão adquirindo a mesma língua. É certo que, durante a vida, estamos constantemente aprendendo palavras e expressões novas, e também aprendemos outras línguas. Mas, diferente de adquirir, aprender uma língua demanda estudo, prática, comprometimento, tempo, entre outras exigências para desenvolver as habilidades de leitura, escrita e pronúncia na língua desejada.

Para explicar como a aquisição acontece de maneira universal e uniforme, os linguistas entendem que o falante nasce com um componente na mente/cérebro responsável pela aquisição da linguagem, a Gramática Universal (GU). O desenvolvimento da língua materna acontece, então, dentro de um período, ou seja, o ser humano estaria mais predisposto a desenvolver suas capacidades linguísticas em um período bastante sensível chamado de período crítico. Até esse período, as crianças passam pelos mesmos estágios de aquisição da linguagem: balbúcio, som, palavras, sintaxe, fonologia, morfologia, semântica e gramática adulta.

Para saber mais sobre este assunto, consulte o Capítulo 1
A linguagem humana: conceitos fundamentais no texto Manual de Linguística: Subsídios para a formação de Professores Indígenas de Marcos Maia (2006, p.23-52).

Para Chomsky, “a criança teria um conhecimento inato da gramática universal (GU) que especifica os princípios comuns a todas as línguas (princípios e parâmetros) [...]” (KAIL 2013, p.51-52) Os princípios são leis ou propriedades compartilhadas por todas as línguas, por isso universais. Por exemplo, todas as línguas têm a posição de sujeito. Sabemos, no entanto, que além de semelhanças, as línguas também apresentam diferenças entre si. Essas diferenças resultam da interação entre os princípios universais com os dados da língua a que estamos expostos e são conhecidas como parâmetros. O fato de que nem todas as línguas expressam o sujeito lexicalmente, como o português, é um parâmetro. Parâmetros são mudanças nos princípios que podem gerar variações entre as línguas.

Esse conhecimento que o falante tem de sua língua, ou seja, o conhecimento linguístico internalizado e acessado, por meio do qual somos capazes de elaborar e compreender enunciados e também diferenciar o que é gramatical e agramatical na língua, é chamado de competência. O uso desse conhecimento em situações concretas de fala, isto é, o uso efetivo da língua é conhecido como desempenho ou comportamento linguístico, e pode ser também influenciado por fatores externos como crenças, atitudes, convenções sociais, etc.

Agora que já compreendemos um pouco mais sobre linguagem e sua aquisição, vamos discutir algumas propriedades das línguas humanas. John Lyons (1987) diz que as línguas humanas são versáteis e flexíveis porque carregam algumas propriedades que as singularizam e as diferenciam de outras linguagens ou sistemas de comunicação.

Reconhecemos “mesa”, por exemplo, como uma palavra do português porque sabemos que essa combinação de sons é aceitável nesta língua da mesma forma que a sequência “fesa”, embora inexistente, também o seria; algumas combinações, no entanto, não serão admitidas a exemplo de “fsea”. Quando adquirimos a língua materna, nos apropriamos do conjunto de sons (vogais e consoantes) que fazem parte desta língua, assim como das combinações possíveis entre esses elementos.

Agora, os sons (fonemas) que formam a palavra “calor” também são encontrados na palavra “claro” e “colar”, mas apesar da semelhança no conjunto que as compõem, as palavras diferem no significado. Isso nos diz que a relação entre o som da palavra e o seu significado é uma convenção entre os falantes da língua, ou seja, uma espécie de um “acordo” coletivo. Essa propriedade é conhecida como **arbitrariedade** e as combinações ou arranjos possíveis entre os sons são reguladas pela própria língua. Sabemos, por exemplo, que vogais podem formar sílabas como “a.pagar”, mas essa possibilidade é inexistente para consoantes quando não acompanhadas de vogais: “a.pa.gar”. Por outro lado, sequências de duas consoantes são possíveis em início de sílaba como em “plano”, mas não são aceitáveis em posição final. Também em português todas as consoantes podem ocupar a posição inicial de

Quais combinações são possíveis na língua indígena? E quais arranjos não são aceitáveis na sua língua materna?

palavra, mas nem todas as consoantes podem ocupar a posição final, a exemplo de “encantados”. Assim, temos palavras terminadas em /s/z/m/n/r/l/, mas palavras finalizadas em /p/b/f/v/t/d/k/g/ não são possíveis. Vemos, então, que os sons ou fonemas das línguas são combinados de acordo com certas regras para formar unidades maiores e com significado, os morfemas e as palavras. A **dualidade** é a segunda propriedade das línguas humanas.

A **produtividade** é outra característica das línguas humanas e, por meio dela, podemos formar frases novas a partir de unidades conhecidas, a exemplo de: (a) Durante o isolamento, as crianças permaneceram nas aldeias; (b) Durante a quarentena, indígenas continuaram em seus territórios; (c) as crianças continuaram em seus territórios durante o isolamento; (d) indígenas permaneceram nas aldeias durante a quarentena. Ao analisar esses exemplos, percebemos que podemos combinar e recombina elementos e gerar, cada vez, novas sentenças. Esta possibilidade está ligada à noção de criatividade: não temos um “estoque mental” de sentenças, mas somos capazes de criar novas sentenças cada vez que falarmos sobre um assunto e, possivelmente, sobre o mesmo! A criatividade é, no entanto, regida por regras: as sentenças têm uma estrutura gramatical comum e, por conta disso, são aceitáveis na língua. Uma frase como “as crianças o isolamento durante nas permanecem aldeias” não seria reconhecida em português.

Para discutirmos a última propriedade, vamos considerar os exemplos:

- a. *Beatriz teceu o colar.*
- b. Gustavo acha que *Beatriz teceu o colar.*
- c. Maria perguntou se Gustavo acha que *Beatriz teceu o colar.*
- d. Tiago falou que Maria perguntou se Gustavo acha que *Beatriz teceu o colar.*

Os exemplos mostram que podemos incluir uma sentença (a) dentro de outra e teremos a sentença (b); esta pode fazer parte de outra sentença, formando a sentença (c) e assim sucessivamente. A **recursividade** é uma das principais características da linguagem humana e prevê que cada sentença pode ser incluída dentro de outra, gerando a construção de novas sentenças. Esta propriedade está presente em todas as línguas naturais.

UNIDADE III - Oralidade e escrita e as relações com o ensino

Nas seções anteriores, vimos que temos um conhecimento linguístico internalizado. Ainda no período de aquisição da linguagem, não somos “ensinados” a formar palavras e sentenças, mas a pré-disposição genética ao desenvolvimento da linguagem verbal e a interação com o ambiente linguístico nos levam a compreender a estrutura e o funcionamento da língua materna, isto é, a gramática da língua (seus princípios universais e parâmetros particulares). A partir disso, podemos perguntar: quais as relações entre esse conhecimento linguístico internalizado e o ensino de língua?

Tradicionalmente, gramática é um conjunto de regras para “bem falar e escrever”. Esta perspectiva, conhecida como **normativa ou prescritiva**, está fundamentada, principalmente, na língua escrita e no entendimento de que esta seria uma espécie de “modelo” para a fala. Ao estabelecer regras que têm de ser seguidas pelos falantes e privilegiar uma única forma, a abordagem prescritiva diz como a língua “deve ser” e disto decorre, por um lado, a aceitação de um falar “certo” e, por isso, valorizado e, de outro, a coexistência de falares considerados “errados”, desprestigiados e menosprezados.

Esta concepção, ainda muito presente na escola e no fazer pedagógico do professor, carrega um julgamento de valor ao assumir um uso como correto e ignorar a heterogeneidade linguística. Neste sentido, o ensino exclusivamente prescritivo reforça uma gramática que, em certa medida, se distancia dos usos reais e cotidianos da língua e desconhece a pluralidade linguística, além de não favorecer a reflexão do aluno sobre a sua competência linguística.

Diferentemente, de uma perspectiva **descritiva** entendemos que, além da variedade padrão, outras variedades linguísticas coexistem e são observadas, registradas e analisadas com o intuito de explicar sua estrutura e seu funcionamento. A abordagem descritiva não pretende, por isso, normatizar ou valorar, mas explicar como a língua é, ou seja, os fatos linguísticos observados em uma comunidade.

Em um ensino de língua descritivo, consideramos não apenas a variedade padrão, mas também, e necessariamente, outras variedades linguísticas, suas variantes e seus contextos de uso. Neste sentido, o aluno é provocado a refletir sobre a língua, reconhecer

sua competência linguística e desenvolvê-la para analisar e decidir a maneira mais adequada de se expressar nas diferentes situações de interação e, em última instância, encorajar a reflexão crítica, formar opinião e participar ativamente das decisões de grupos, comunidades, associações das quais faz parte.

O reconhecimento e a valorização da pluralidade linguística também contribuem para desconstruir atitudes preconceituosas em relação aos diferentes falares. O preconceito linguístico decorre de uma comparação entre um modelo de língua considerado ideal e outros falares que escapam a essa “padronização” e são, por isso, estereotipados e julgados “errados” ou “feios”.

Marcos Bagno (professor e pesquisador do tema) chama a atenção para o fato de que esse juízo não se restringe ao modo de falar, mas está profundamente relacionado com as características socioculturais e econômicas do indivíduo ou grupo como gênero, classe social, escolaridade, etc. Em última instância, o preconceito linguístico leva, igualmente, a julgamentos infundados de que existem línguas melhores ou piores, mais ou menos desenvolvidas, mais ou menos sofisticadas, com léxicos mais ou menos especializados, entre outras falsas noções.

A proposta desta reflexão é pensar as especificidades da língua falada e da língua escrita, não como duas instâncias antagônicas, mas como um contínuo orientado pelas práticas sociais de interação. Uma conversa com seu/sua filho/filha e uma reunião com lideranças indígenas são circunstâncias diferentes; assim também, uma mensagem enviada por aplicativo para seu parente ou o planejamento de sua aula são gêneros discursivos com especificidades distintas.

Para pensar as características que aproximam e singularizam a fala e a escrita, vamos partir da seguinte situação de interlocução: um diálogo com o colega professor na escola após a aula. Reconhecemos a pessoa que fala, a pessoa com quem se fala, o local e o momento quando a conversa acontece – esses elementos que compõem a situação de interlocução não precisam ser “explicados” aos participantes porque são dados pelo contexto. Mas, ao enviar um e-mail para uma associação indígena, por

Na sua opinião, o que é preconceito? Você já vivenciou uma situação de preconceito linguístico?

O que você identifica nesta cena?

exemplo, esses elementos não estão dados e têm de ser observados na elaboração: para quem se destina o *e-mail* e quem fará a leitura, quem envia e quando o *e-mail* é enviado; além do assunto, trata-se de uma questão conhecida entre emissor e receptor ou é um tema novo – essas considerações são importantes para que o receptor ou leitor do *e-mail* compreenda o texto.

Um *e-mail*, um artigo acadêmico, um conto literário ou outro gênero, por conta da especificidade do texto escrito e da possibilidade que temos de planejá-lo e, durante a sua elaboração, repensar, modificar, corrigir e reescrever, suas marcas da produção textual não são vistas pelo leitor. Na fala, por outro lado, interrompemos, corrigimos, hesitamos, manifestamos dúvida, falamos ao mesmo tempo, tentamos manter a palavra e a atenção do interlocutor, retomamos uma ideia, falamos mais detalhadamente sobre um assunto e abreviamos outro, etc. Tudo isso acontece durante a interação e é neste momento em que também observamos o envolvimento do interlocutor por meio de seus gestos de interesse, surpresa, impaciência, concordância ou desacordo, participação...

Stela Maris Bortoni-Ricardo propõe uma linha imaginária e contínua entre a oralidade (situações mediadas pela fala) e o letramento (situações mediadas pela escrita):

eventos de
oralidade

eventos de
letramento

Fonte: Bortoni-Ricardo (2004, p.62)

Para esta autora, os limites entre eventos de oralidade e de letramento são intercambiáveis no sentido de que em uma situação mediada pela escrita podem acontecer situações mediadas pela fala: uma reunião pode ser mediada por eventos de oralidade e de escrita. Neste entendimento, “as fronteiras são fluidas”, ao mesmo tempo em que as especificidades de cada uma são preservadas.

A partir disso e com base no que discutimos sobre ensino prescritivo e descritivo e preconceito linguístico, podemos considerar que nas diversas situações de interação das quais participamos, podemos avaliar qual a maneira mais ou menos adequada de nos expressar.

ATIVIDADE

Caderno de Memórias

O Caderno de Memórias é um registro de sua vivência em um momento particular, mas é, sobretudo, um exercício de reflexão sobre suas experiências. Neste período de distanciamento e isolamento por conta da Covid-19, você é convidado(a) a escrever sobre suas memórias, suas observações e reflexões e registrá-las em seu Caderno de Memórias (individual).

Referências bibliográficas

Ajude a aprovar a lei do #CinturãoVerdeGuarani! Disponível em <http://apiboficial.org/2020/09/02/ajude-a-aprovar-a-lei-do-cinturaoverdeguarani/> Acesso em 05/09/2020

ÃTEKÁY. Poesia Indígena Hoje. Núm. 1, agosto de 2020. Disponível em http://www.p-o-e-s-i-a.org/dossie1/#flipbook-df_1379/108/ Acesso em 23/09/2020.

BORTONI-RICARDO, S. M. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

Candidate-se indígena. Chamado para as eleições 2020. Disponível em <http://apiboficial.org/2020/08/31/candidate-se-indigena-chamado-para-as-eleicoes-2020/> Acesso em 03/09/2020

CINEKURUMIN. Festival de Cinema Indígena Online e Gratuito. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CFXgvmnFuSL/> Acesso em 20/09/2020

COIABAMAZÔNIA. Plano de ação emergencial e aplicativo para combate às queimadas ilegais em terras indígenas na Amazônia brasileira. Disponível em https://www.instagram.com/p/CFk4IW_F_WW/ Acesso em 25/09/2020.

FIORIN, J. L. (org.) Linguística? Que é isso? São Paulo: Editora Contexto, 2015.

_____. (org.) Introdução à linguística: I. Objetos teóricos. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

GRAÚNA, G. Poéticas da quarentena. Disponível em <https://ggrauna.blogspot.com> Acesso em 10/08/2020

_____. Caos climático. Disponível em <https://ggrauna.blogspot.com/2009/10/caos-climatico.html?m=1> Acesso em 17/09/2020

GROLLA, E.; FIGUEIREDO SILVA, M. Cr. Para conhecer aquisição da linguagem. São Paulo: Contexto, 2015.

JAKOBSON, R. Linguística e comunicação. 15ª edição. São Paulo: Cultrix, 1995, p.118-162.

KAIL, M. Aquisição de linguagem. São Paulo: Parábola, 2013.

MAIA, M. Manual de linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área da linguagem. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. LACED/Museu Nacional, 2006, p.23-51. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=646-vol15vias04web-pdf&Itemid=30192 Acesso em 25/08/2020

NUNES, J. Poesia Indígena Hoje. Núm. 1, agosto de 2020. Disponível em http://www.p-o-e-s-i-a.org/dossie1/#flipbook-df_1379/108/ Acesso em 23/09/2020

Personalidades participantes da Websérie MARACÁ. Disponível em <https://www.cese.org.br/9deagosto-maraca-emergenciaindigena-vidasindigenasimportam/> Acesso em 22/09/2020

Websérie MARACÁ. Disponível em <https://www.facebook.com/apiboficial/photos/a.1838362246433936/2690365347900284/?type=3&theater> Acesso em 22/09/2020

Biografia da autora



Lilian Elisa Minikel Brod é mestre e doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atuou como professora das disciplinas de Fonética e Fonologia do Português, Introdução aos Estudos da Linguagem, Linguística Geral e Estágio Curricular Supervisionado no Curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Tem atuado como docente da área *Línguas, Artes e Literatura* em disciplinas do núcleo comum e específico do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Faculdade Indígena Intercultural (FAINDI) da mesma universidade.



UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Maldonado

